

COMENTÁRIO BÍBLICO

17º Domingo Comum – Ano C

24jul2022

2 Reis 5,1-15^a; Salmo 21,2-8; Colossenses 2,6-15

S. Lucas 11,1-13

¹Uma vez estava Jesus a orar num certo lugar. Quando acabou, um dos seus discípulos pediu-lhe: «Senhor, ensina-nos a orar, como João Batista ensinou os seus discípulos.» ²Jesus disse-lhes então: «Quando orarem digam assim:

Pai, santificado seja o teu nome.

Venha o teu reino.

³Dá-nos cada dia o pão de que precisamos.

⁴Perdoa as nossas ofensas, pois nós também perdoamos a todos os que nos ofendem.

E não nos deixes cair em tentação.»

⁵E prosseguiu: «Suponham que têm de ir a casa de um amigo à meia-noite e lhe pedem: “Empresta-me três pães, ⁶porque me apareceu em casa um amigo que vem de viagem e eu não tenho nada para lhe dar.” ⁷Ora imaginem que o outro grita lá de dentro: “Não me incomodes! A porta já está fechada; os meus filhos e eu já estamos na cama. Não posso levantar-me para te dar os pães.”»

⁸Jesus acrescentou: «Pois digo-vos: ainda que ele não se queira levantar para lhe dar os pães, acaba por levantar-se e dar-lhe tudo o que for preciso, não por ser seu amigo, mas para não ser mais incomodado. ⁹Por isso vos digo: Peçam, que vos será dado; procurem, que hão-de encontrar; batam à porta e ela há-de abrir-se. ¹⁰Pois o que pede recebe, o que procura encontra e a quem bate à porta esta se abrirá. ¹¹Alguém que seja pai será capaz de dar ao filho uma cobra, se ele pedir um peixe, ¹²ou um escorpião, se pedir um ovo? ¹³Ora se, mesmo sendo maus, sabem dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem!»

1. O Pai-nosso em S. Lucas é bem mais curto do que em S. Mateus (6, 9-13). Começa com a invocação “Pai, santificado seja o teu nome” e continua com quatro pedidos:

“Venha o teu reino” – a vivência espiritual que caracteriza quem crê no Pai como criador de tudo e de todos, um modo de estar que determina (devia determinar) a nossa existência na relação com Deus, com a nossa vida, com os outros e com a natureza de que somos parte;

“Dá-nos cada dia o pão de que precisamos” – o desejo de sobrevivência do ser humano que lembra o pedido do povo de Israel no deserto por pão, que foi dado a cada um em forma de codornizes e maná de tal maneira que “cada um tinha apanhado o quanto podia comer” (Êxodo 16, 1-35);

“Perdoa as nossas ofensas, pois nós também perdoamos a todos os que nos ofendem” – o reconhecimento da nossa fragilidade perante Deus e da Sua bondade para connosco, um pedido subordinado à afirmação da nossa misericórdia para com aqueles que nos ofendem;

“E não nos deixes cair em tentação” – a confissão de que podemos ser sujeitos no nosso interior a algo que nos instiga a fazer o mal.

Numa palavra, o resumo da nossa vida e dos requisitos para que nela que se manifeste o sentimento profundo de gratidão pelo Deus que nos ama.

2. No Evangelho de hoje, após ter estado a orar, Jesus foi solicitado pelos discípulos para que lhes ensinasse a orar. Sim, embora nos pareça estranho, o certo é que ninguém nasce cristão, tem de ser ensinado. O mesmo relativamente à oração. É um ato que se aprende praticando-o à medida dos nossos desejos. Não é só pedir. É assim como alargar o horizonte do nosso olhar ao limite da esperança.

Nos quatro evangelhos está bem referenciada a oração de Jesus, frequente, em determinados momentos e lugares, em particular no alto dos montes, e sempre só. Orar é essencialmente um ato de solidão positiva, de encontro connosco próprios e com Deus. Podemos orar nos momentos litúrgicos, na ambiência comunitária da Igreja a que pertencemos, mas a oração mais profunda e, porventura sem palavras, é que se expressa na relação de confiança plena no Deus que sabemos que nos ama e escuta, o momento de deixar falar o coração. Nesse sentido, S. Pedro recomenda aos jovens daquele tempo: *“Confiai-lhe (a Deus) todas as preocupações, porque Ele cuida de vós.”* (I Pedro 5,7). Assim, na oração se descobre o instrumento equilibrador das diversas *nuances* da nossa vida. E, no entanto, ouve-se tantas vezes e em tantas vozes *“não tenho tempo”, “não sei o que dizer”, “Deus não me ouviu”, “quantas vezes pedi isto ou aquilo e Deus não me respondeu”*. E assim se vão amontoando razões para o esmorecimento – senão o desaparecimento – da oração na nossa vida. E a estes, Jesus convida: *“Vinde ter comigo todos os que andais cansados e oprimidos e eu vos darei descanso. Juntai-vos a mim e aprendam comigo, que sou manso e humilde de coração. Assim o vosso coração encontrará descanso, pois os deveres que eu vos imponho são agradáveis e os meus fardos são leves.”* (S. Mateus 11, 29-30).

3. Porém, sabemos que nem sempre é fácil ‘pedir’. Refiro-me aos pedidos que por vezes temos de fazer a pessoas amigas, ou familiares ou de relações próximas. É que, antes de tudo, pedir é uma atitude de humildade. E esta, por sua vez, é entendida como uma inferioridade em relação a quem se pede. Isto é, pedir alguma coisa a alguém deixa-nos na boca um travo de fraqueza que as mais das vezes nos dói. Na verdade, só pede quem precisa. E, no entanto, Jesus recomendou aos seus discípulos *“pedi, pedi sempre!”*. Fê-lo através de uma parábola em que alguém pede ajuda de modo tão incomodativo que o potencial ajudador vê-se ‘obrigado’ a satisfazer o pedido, para se livrar de tal incómodo. Ora, aqui, atrevo-me a considerar que Jesus usa de uma estratégia para levar o ‘ser pedinte’ ao que está subjacente no pedir: ‘ser humilde’. Essa condição foi realçada no Cântico de Maria (*“Deus meu Salvador ... Derruba os poderosos e levanta os humildes”* – S. Lucas 1, 46,55), é apresentada em tom doutrinal na carta aos Filipenses (*“Jesus privou-se do que era seu e tomou a condição de escravo, tornando-se igual aos homens. E vivendo como homem, humilhou-se a si mesmo, obedecendo até à morte, e morte na cruz.”* – 2, 6-8) e expressa-se de modo sublime no episódio do lava-pés (*“Se eu, que sou Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós, de agora em diante, deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo, para que, assim como eu fiz, o façais vós também uns aos outros.”* – S. João 13, 1-17). É a humildade atuante (sem inferioridade ou fraqueza) a do exemplo de Jesus.

Então, nesta humildade criativa, para pedir a Deus basta que o façamos como as crianças. Pedem tudo e mais alguma coisa, sem reboço ou vergonha. Mas, ganham-na à medida que crescem, em formalidade, e o pedir passa a palavra rotinada. Até a humildade diminui e a confiança da criança que fomos se esvai. Por isso Jesus nos avisa: *“Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus”* (S. Mateus 18,3).

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana